

**BIBLIOTECA
UNEMAT** 4
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG: Nº 14388
Data: 16 / 12 / 2010
() Compra (x) Doação () Permuta



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO



SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

DEPARTAMENTO DE LETRAS

RODOLFO RODRIGO CHICAROLLI

VIOLÊNCIA: UMA AMEAÇA AO RENDIMENTO ESCOLAR E AO CONVÍVIO EM
SOCIEDADE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do grau de
Licenciado em Letras. Orientador:
Prof. Msc. Heitor Marcos Kirsch.

Pontes e Lacerda - MT

2010

37
C 532v

RODOLFO RODRIGO CHICAROLLI

VIOLÊNCIA: UMA AMEAÇA AO RENDIMENTO ESCOLAR E AO CONVÍVIO EM
SOCIEDADE

Pontes e Lacerda - MT

2010

"Pros erros há perdão; pros fracassos, chance; pros amores impossíveis, tempo. De nada adianta cercar um coração vazio ou economizar alma. O romance cujo o fim é instantâneo ou indolor não é romance. Não deixe que a saudade sufoque, que rotina acomode, que o medo impeça de tentar. Desconfie do destino e acredite em você. Gaste mais horas realizando que sonhando, fazendo que planejando, vivendo que esperando, porque embora quem quase morre esteja vivo quem quase vive já morreu."

Luis Fernando Veríssimo.

DEDICO:

A Deus, pela constante presença em minha vida.

À minha Mãe, Eunice Chicarolli, por minha formação moral, pela sua luta cotidiana junto a mim, nos momentos bons e ruins, por acreditar em mim e por ensinar que o impossível só é para os fracos.

A meu Pai, Edval Chicarolli, por ensinar que na vida devemos ser dignos e honestos, e pelo apoio financeiro, tendo como importância para ele meu estudo.

À minha Avó Maria Luísa, por sempre mostrar orgulho de mim, e por ser carinhosa e admirável com todos. Já não está aqui entre nós, porém sempre estará em meu coração.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao prof. Msc. Heitor Marcos Kirsch, pelos conhecimentos transmitidos na elaboração deste trabalho, e por mesmo sem ter me conhecido como aluno aceitou me orientar com muita satisfação, minha gratidão.

Ao prof. Msc. Paolo Targioni, pela confiança e dedicação. Meus agradecimentos.

À prof. Msc. Tereza Pazzos, pela amizade, confiança e conhecimentos transmitidos. Obrigado por acreditar em mim.

AGRADECIMENTO

À amiga Amanda Moulaz, que há quase 15 anos está do meu lado e é digna de meu sentimento nobre. Fez ver que duas pessoas de personalidades fortes podem conviver juntas da melhor maneira possível. A minha admiração, gratidão e consideração.

Ao amigo João Otávio Mundim, que há 2 anos está do meu lado, sendo digno de minha admiração e meu companheirismo. Teve muita paciência com meus estresses ocasionados pela faculdade, sempre me apoiando nos momentos bons e ruins. A minha eterna gratidão.

Aos colegas de turma da graduação:

Vanessa Pincerato, amiga que sempre brigávamos, mas estávamos sempre juntos, me ensinou que o que deve ser feito merece total dedicação;

Thalita Sampaio, por está sempre presente admiravelmente;

Andressa Miriam, “rola na caca sem ela não tem graça”;

Sebastião Junior, que saiu da graduação no início, porém continuou amigo;

Joelsa, por está sempre do lado com sentimentos sinceros;

Oliva Gimenes, pela a admiração recíproca;

Marcia, Regiane, Fernando Comim, Poliana Pazzos, Fernanda, Jonilson; Amigos esses, da turma anterior que me aceitaram com maior apoio.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Prof. Msc. Heitor Marcos Kirsch.
Orientador.

Banca examinadora.

Prof^a. Msc. Tereza Pazzos.

Prof. Msc. Paolo Targioni.

RESUMO

Esta pesquisa se fundamenta através das experiências que levaram a compreender que há várias questões que inibem a educação para um rendimento satisfatório. Dentre as questões existentes, uma que se destaca é a violência. Isso se dá, devido às grandes exposições violentas juvenis no âmbito escolar, podendo se tornar uma grande ameaça para o ensino e para o convívio da sociedade. Tomando a deixa da Sociologia e seus articuladores, desenvolvemos como foco para a pesquisa alguns aspectos presentes na sociedade contemporânea, em específico os alunos que estão chegando às escolas. Percebemos no espaço escolar grande dificuldade enfrentada pelos professores no desempenho de seu trabalho, devido aos atos de vandalismo, como: depredações do espaço escolar, agressões físicas e verbais. Desta forma, buscamos compreender os fatores determinantes deste cenário. Os objetivos do presente trabalho são: caracterizar relações estabelecidas pelos alunos, identificar tipologias de alunos no espaço escolar e verificar se os atos agressivos se dão por uma cultura instaurada historicamente.

PALAVRAS CHAVE: sociedade, violência, violência escolar.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Indicativo dos alunos pior aspecto no interior da escola.....	25
Tabela 2 – A satisfação no exercício da profissão docente pelos diretores escolares.....	26
Tabela 3 – Contato com algum armamento pelos alunos.....	27
Tabela 4 – Identificação do ato de roubo na escola pelos alunos.....	27
Tabela 5 – Ocorrência de roubos ou furtos nas imediações da escola pelos diretores das unidades escolares.	28
Tabela 6 – Identificação de algum tipo de postura violenta pelos alunos.....	29
Tabela 7 – Atitude das unidades escolares diante dos alunos que cometerem atos violentos..	30
Tabela 8 – Testemunho de atos violentos em família pelos alunos.....	31

SUMÁRIO.

Introdução	10
2 - Metodologia de Pesquisa	11
3 – Aspectos Teóricos	13
3.1 A violência enquanto processo histórico	14
3.2 A noção de violência contemporânea	17
3.3 Violência escolar	20
4 – Resultados da pesquisa	25
Conclusões	33
Referências	34

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se fundamenta a partir das experiências que tive enquanto docente contratado em uma escola estadual no município de Pontes e Lacerda, ao longo de um período de oito meses, também por estágios oferecidos pela UNEMAT para conclusão de curso e por reportagens em jornais e TV.

A partir do convívio com o espaço educacional, foi possível perceber que há várias questões que inibem o processo educativo visando um rendimento satisfatório. Podemos citar como exemplo: espaço físico impróprio, excesso de alunos em sala de aula, professores não devidamente preparados ou não atualizados em sua área de ensino, entre outros.

Dentre as questões percebidas no espaço escolar, a que permeia este ensaio científico é a relativa à violência. Esta escolha está relacionada com a grande exposição de delinquências juvenis no âmbito escolar, podendo se tornar uma ameaça ao rendimento escolar e ao convívio da sociedade.

Os alunos, professores, diretores e pais criam a expectativa de que a escola seja um espaço dedicado à educação e ao convívio do adolescente e da criança, porém o que temos constatado é que este espaço parece está se transformando a cada dia em um local de materialização dos conflitos sociais.

A abordagem teórica que utilizaremos para tratar desta temática terá como ponto de entrada um olhar a partir da Sociologia. Este trabalho tem como propósito identificar alguns aspectos específicos da dinâmica da sociedade contemporânea, em específico os relativos aos alunos que estão chegando à escola, sobretudo aqueles diretamente relacionados ao fenômeno da violência no espaço escolar.

Desta forma, a inquietação que surge e permeia esta investigação diz diretamente respeito a que tipo de aluno, ou seja, de sociedade que o professor está se deparando em sala de aula? É possível identificar elementos que possam associar a violência que ocorre no espaço geográfico das escolas com os processos de desigualdade social? Como a escola lida com a violência?

2 - METODOLOGIA DA PESQUISA

A trilha metodológica percorrida por esta pesquisa foi pautada por um estudo empírico nas escolas de Pontes e Lacerda. Esta pesquisa foi realizada entre 24 de maio a 12 de junho de 2010, em um total de oitos escolas, sendo distribuídas entre duas escolas do sistema privado, duas escolas do sistema de ensino público municipal e finalmente em outras quatro escolas públicas estaduais.

Foram utilizados distintos questionários compostos de perguntas fechadas aplicados junto aos diretores das escolas, sendo um total de sete perguntas e um total de oito perguntas para os alunos. Foram aplicados quarenta e seis questionários no total, sendo para trinta e oito alunos e oito diretores.

O objetivo desta forma de abordagem foi o de identificar nos depoimentos destes atores, aspectos relacionados ao trato institucional dos casos de violência, neste caso, caracterizar, como a escola reage com os alunos que foram promotores de atos violentos. Outro objetivo que norteou nosso trabalho foi o de assinalar como estes atos são compreendidos pelos seus autores.

No início da pesquisa o objetivo era também direcionado aos agentes de segurança e professores. Optou-se por excluí-los pelo fato das unidades não possuírem mais este tipo de funcionário, no caso dos agentes de segurança, ou, pelo fato, de no caso dos professores, de encaminharem os casos extremos relacionados a esta temática à direção da escola

Todas as escolas pesquisadas estão localizadas em área urbana. As duas escolas de ensino privado estão localizadas na área central da cidade, enquanto as duas escolas públicas municipais estão localizadas em áreas periféricas da cidade. Já as escolas públicas estaduais pesquisadas se dividem, sendo duas em áreas periféricas e duas em áreas centrais.

A princípio a pesquisa seria voltada para as oito escolas com o intuito de aplicar os questionários para os alunos do 5º ao 8º ano e 1º ao 3º ano do ensino médio. Porém, nas escolas públicas da cidade, ocorreu uma “repolarização”, sendo assim, uma escola ficou para atender somente alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio e as demais o ensino fundamental. Já as escolas de ensino privado, uma oferece o ensino fundamental e médio, no entanto a outra parou de prestar o serviço para alunos do 1º ao 3º do ensino médio devido à falta de procura.

Ao entrar em contato com as escolas esclarecendo o tema e objetivo da pesquisa, as mesmas pediram para que deixasse os questionários com os coordenadores para que eles passassem aos devidos alunos para responder os questionários. Segundo todos os diretores

entrar em contato diretamente com os alunos poderia causar certo transtorno no espaço interno da escola, bem como despertar a atenção dos mesmos.

Na unidade escolar pesquisada que oferece o ensino médio, a metodologia utilizada por opção destes consistiu em organizar-se através dos líderes dos três anos 1º a, 2º e 3º ano, respondendo estes em conjunto aos questionários. A mesma escola levou os alunos para a biblioteca para que respondessem os questionários sem nenhuma distração.

3 - ASPECTOS TEÓRICOS

A complexidade da violência bem como, suas causas e efeitos, são vastos. Sendo assim, neste capítulo abordaremos alguns aspectos presente na história da sociedade, em se tratando de conflitos e desenvolvimentos, sendo da Grécia antiga até a sociedade contemporânea, com o objetivo de perceber qual a relação da sociedade com a violência e o porquê deste ato ser tão abrangente, ou seja, o porquê de uma violência sem fronteiras.

Em seguida será enfatizada a noção de violência contemporânea. Ressaltaremos o disparate que está havendo com a violência, e a normalização que as pessoas estão tendo ao se deparar com a violência. Além disso, colocaremos em questão a violência vinculada somente a uma diferença de classe social.

Por fim e pauta de nossa pesquisa temos a violência escolar. Com isso, destacaremos as problematizações envolvidas no ensino a partir do convívio entre alunos com atos violentos. Além da falta de estudo que ainda se tem sobre o tema no Brasil. E por fim, a posição da família diante de tamanha onda de violência.

3.1 A violência enquanto processo histórico.

Para abordarmos a temática da violência, é preciso e devemos já de início partir do pressuposto de que não se trata de uma questão somente brasileira, não pensando em um âmbito geral, mas sim de uma questão mundial, decorrente já de todo um processo histórico.

Antes de proceder a uma reconstituição do processo da violência até a sociedade contemporânea, é preciso ressaltar em linhas gerais o significado do termo na sociedade brasileira, geralmente associado à idéia daquele que age com ímpeto; agitado, tumultuoso; intenso, veemente; em que se faz uso da força bruta. Desta forma assume a conotação de ser contrário ao direito; e à justiça. (Ferreira, 2006).

Neste sentido, o ato, a violência parte daquele que vai contra o seu dever, ou condição de convívio na sociedade. O violento estabelece relações agressivas com o próximo, sem compaixão ou respeito.

Segundo Ianni 1999, a violência está presente na Grécia antiga, onde se inicia o berço da civilização ocidental. Em meados do século VII a. C. acontecem várias migrações de povos gregos em vários pontos do Mar Mediterrâneo, motivada pelo grande crescimento da população, pelos conflitos que estavam surgindo, e pela grande necessidade de expansão dos territórios para a prática da agricultura.

Uma característica cultural nessa época é o fato de que, a guerra assume a forma de resolver os conflitos existentes entre reinos e povos, valor este do pensamento grego que ultrapassa há vários séculos da existência do homem. Esta característica é externalizada através dos conflitos existentes nas narrativas míticas dos deuses gregos e dos heróis.

O homem foi alvo e exerceu atos violentos desde sempre. Não somente restringindo-se a período histórico da sociedade, mas também ao longo da era Cristã aonde homens lutavam até a morte. Podemos citar como exemplos os enforcamentos em praça pública e a Santa Inquisição que fizeram várias vítimas.

Já tirando o foco do início da civilização antiga e indo para a sociedade contemporânea, a violência que já era presente na cultura mundial, tornou-se presente no convívio social a partir de eventos históricos como a Primeira Guerra Mundial, de 1914 – 18, a Grande Depressão Econômica Mundial, iniciada em 1929, e a Segunda Guerra Mundial, dos anos 1939-45.

A partir de tais conflitos mundiais ocorreram articulações cada vez mais freqüentes envolvendo continentes e nações. Destacamos dentre eles os acontecimentos reveladores como a Guerra Fria iniciada em 1946 e a Queda do Muro de Berlim, em 1989.

Com esses acontecimentos é possível evidenciar características das sociedades em outras sociedades. Desta forma, através dos grandes conflitos mundiais certas barreiras foram quebradas, favorecendo com que costumes se sobressaíssem e fossem impostos por novos povos e também surgissem novos costumes.

Como exemplos dos costumes possivelmente decorrente da Grande Depressão, com esse fato quase a maioria dos países da América Latina foi obrigado a passar por mudanças radicais, violentas, blocos de poder e governos. Ianni (1999) comenta que:

Nos anos posteriores ao termino da Segunda Guerra Mundial, praticamente todas as colônias européias na África, Ásia e América Latina emanciparam-se politicamente. Desde a inauguração, em 1985, da Perestroika e da glasnost pelo governo Gorbachev, na União Soviética, não só caiu o Muro de Berlim como também todas as sociedades do antigo bloco soviético, no Leste Europa, mudaram seus governos e regimes... ... A Perestroika pôs em pratica mudanças profunda na estrutura do sistema econômico soviético, com a substituição dos mecanismos da economia do mercado. E a glasnost inaugurou a democratização, a quebra do monopólio da vida política nacional pelo partido Comunista.(p.13).

Estes acontecimentos históricos geram tensões sociais obrigando a sociedade a se reestruturar num processo de convívio que gerou marcas culturais. Com isso, nos períodos de conflitos mundiais ocorreu uma revolução mundial em várias dimensões.

Sendo assim, algumas transformações sociais, culturais, econômicas e políticas que estavam acontecendo desde o início do século XX aceleram-se após a Segunda Guerra Mundial. A queda do Muro de Berlim em 1989 rompe barreiras e com elas o capitalismo se depara com novos horizontes.

Os conflitos mundiais, as décadas de industrialização intensiva e extensiva, ou seja, urbanização, a elevação no nível social de parte da população, o desenvolvimento educacional e o desenvolvimento intelectual, fazem surgir um descompasso entre formas jurídicas-políticas e ideológicas com as manifestações reais e as potencialidades políticas e culturais das forças sociais existentes na sociedade.

A sociedade passa agora a movimentar-se contra deveres e inquietações surgem. Segundo Ianni (1999) surgem então as diversas manifestações reais e potenciais dos mais diferentes setores sociais, políticos, culturais, étnicos, religiosos e outros.

Surtem acontecimentos que revelam características essenciais da sociedade global, como a violência desenfreada na sociedade contemporânea.

O “processo” da globalização, cada dia mais intenso, influencia também o “processo” de internacionalização financeira e nos seguros comerciais, ou seja, influência na estabilidade comercial, gerando mudança na divisão do trabalho, no movimento migratório e uma competição ambiental. Gera também mudanças nos Estados e nos sistemas de Estado.

Para Ianni (1999) no século XX, através do capitalismo, continua a desenvolver-se como que um modo de produção material e espiritual, sendo nacional e internacional, envolto a um processo civilizatório universal.

Assim, revela-se uma tendência inerente ao modo de produção bastante acentuada ao longo da época contemporânea. Decorrente das oscilações cíclicas, suas crises e contradições, se generalizam e se recriam como um modo de produção material e espiritual de âmbito global.

Vários acontecimentos estão modificando o cenário no mundo inteiro, apresentando outras perspectivas sociais, econômicas, políticas e culturais.

Estas conseqüências de forma alguma podem ser relacionadas como causais do processo de globalização, nem do capitalismo. Elas são inerentes a uma forma de compreender a contemporaneidade.

Tentamos até agora, compreender alguns processos históricos que a sociedade presenciou para entendermos a violência existente na sociedade e de uma forma mais pontual, na escola.

O mundo passou por grandes mudanças no século XX, não sendo mais formado por países agrários ou industrializados, pobres ou ricos, colônias ou metrópoles, dependentes ou dominantes, arcaicos ou modernos. Com isso, como decorrência deste processo, ocasionou o surgimento de novas formas de conflito, com outra configuração.

Ocorre que, simultaneamente a novos surtos de globalização acontecem, também novos surtos de fragmentação, envolvendo antigas e novas divergências que adquirem novas possibilidades de resignificação ou até mesmo manifestações antigas que continuem a existir.

Portanto, segundo Ianni (1999), a mesma máquina do mundo que produz e reproduz a integração de uns e outros produzem e reproduzem a contradição entre eles. Sendo assim, a violência manifestada anteriormente pode continuar a existir de maneira igual ou diferente. Por um, dois ou até mais motivos que podem ser envolvidos, compreendidos e associados.

3.2 A noção de violência contemporânea

É possível verificar e presenciar em reportagens na TV, jornais e revistas, uma crescente onda de violência clara entre a sociedade. As pessoas se iludem achando que em algum lugar existe menos violência, ou até mesmo que esteja associada a uma questão de classe social. Porém a violência está presente no mundo inteiro, e não faz escolha deste tipo.

A violência já não é mais algo que provoca espanto para todos e está cada vez mais fazendo parte da rotina do convívio em sociedade.

Assistimos seriados, filmes e reportagens na televisão que evidenciam essa realidade com clareza e realismo. E reação das pessoas ocorre de forma normal, como se a realidade assistida não fizesse parte da realidade vivida.

A realidade instaurada são crianças e jovens, assaltando em faróis de cidade grande. Jovens morrendo precocemente devido ao tráfico de drogas. *Gangs* rivalizando com outras, fazendo disso pequenas guerras. Ricarte (2003) considera que:

Ao contrário de que muita gente imagina alguns casos de violência entre jovem nem sempre são exclusivamente de classes pobres. Percebemos que a cada dia surgem casos de pessoas moradoras de bairros nobres e com uma vida privilegiada, porém também costumam aparecer nas manchetes em jornais. (p. 3)

O prazer dos denominados grupos de “bad boys” ou “pitbulls” é irem de encontro a outros jovens com o intuito de provocarem alguma confusão, independente do ambiente, até mesmo na escola.

A mídia de certa forma explicita a violência fazendo até mesmo um sensacionalismo, como o objetivo de elevar sua audiência. No entanto, não pode-se considerar esta postura como generalizada. Há aqueles que se portam no sentido de fazer algo para amenizar ou até para criticar, como por exemplo, cantores que através de suas músicas fazem uma crítica à sociedade.

Esta ação pode ser evidenciada pela letra que compõe uma das músicas que realça o pensamento desses integrantes de uma classe média, que age pelo uso da violência:

*Sou playboy e meto porrada, eu dou porrada eu enfio a porrada.
Só ando com a galera e bato nos mané,
Mas quando eu to sozinho eu só bato nas mulhé.
Eu pego muita gata no mata-leão.
"É isso meu cunpadre, my brother, meu irmão".
Se alguma coisa ta na moda, eu faço também,*

*Eu tenho um pitbull chamado Bush Hussein
O Bush é pitbull mas eu sou mais ainda,
Arranquei a orelha de uma loira burra linda. (Retrato do playboy parte 2, Gabriel o Pensador, 1999)*

Sendo assim, não apenas os jovens da periferia estão associados à violência, mas também a burguesia. Eles praticam a violência por vontade de agir contra o próximo, usam da violência como um passatempo, uma atividade. Podem ser evidenciados casos em que há uma influência direta do uso de entorpecentes ou até problemas familiares.

Em uma entrevista concedida por Sergio Adorno, (Geraque, 2003), este revelou aspectos de alguns novos estudos sobre a questão da violência e da segurança pública, no Brasil. E segundo ele, o caso já está se revelando preocupante em curto prazo. Esta revelação pode ser percebida na seguinte forma:

Agência FAPESP (Geraque) - A relação entre violência e pobreza é sempre direta? Adorno - Não acho que tudo possa ser explicado pela pobreza. Temos que pensar nas condições de vida, em termos de política de prevenção. É a mesma coisa na saúde. Condições precárias de habitação não explicam completamente uma determinada situação de epidemias ou endemias. Para imunizar uma parte da população, é preciso existir saneamento básico, água potável. São requisitos mínimos universalizados e é esse tipo de raciocínio que precisa, de alguma maneira, ser incorporado pelas autoridades políticas encarregadas de administrar a segurança pública. São políticas também sociais, como segurança alimentar, escolar ou do trabalho. (14/11/2003).

Há igualmente uma série de exemplos de naturalização desta manifestação, como os casos dos rapazes que agrediram mendigos, de jovens que matam familiares por dinheiro ou drogas, chegando a casos extremos como de Suzane Louise Freifrau Von Richthofen que organizou com seu namorado a morte dos seus pais.

Segundo Ricarte (2003):

Há toda uma cultura da violência em escala mundial que simplesmente não está relacionada somente à pobreza, ao preconceito racial, a problemas familiares, ao desemprego. Eu, como um cientista social, é difícil afirmar mas os problemas sociais apesar de tudo estão se tornando problemas individuais. (2003:03).

O crescimento do ato violento pode estar vinculado a uma rivalidade, instaurada no interior da sociedade. O amigo de trabalho poder ser o rival, o vizinho pode ser o rival, entre outros. Uma guerra incessante onde o melhor vence. O que acontece é que não há espaço em determinadas situações para que todas as pessoas se destaquem, fazendo com que o convívio se transforme em uma disputa.

De acordo com Bauman (2004), a rápida modernização, o grande mundo do livre mercado e da livre movimentação financeira, ocasionou uma enorme quantidade de “gente supérflua”, ou seja, são pessoas obrigadas a recair nas “forças da globalização”. São levados a correr para alcançar o equilíbrio econômico, podendo perder meios de sobrevivência e posição social. Ainda em relação à indústria moderna Bauman, aponta que:

A indústria moderna (aquela que construía uma ordem e que representava o chamado “progresso econômico”) produziu gente supérflua. A construção de uma ordem leva sempre à liquidação dos supérfluos, pois – se querem que as coisas estejam em ordem, se querem substituir a situação atual por uma ordem nova, melhor e mais racional – vocês acabarão por descobrir que certas pessoas não podem fazer parte dela.(p.4).

Este aspecto enfatizado por Bauman, leva perceber que por uma estabilidade financeira as pessoas estão esquecendo o próximo. O foco está para si mesmo, como se todos fossem diferentes. Com isso, esquecem que de uma forma geral são iguais, e buscam a mesma meta.

Outro aspecto importante o qual devemos destacar são as várias maneiras pelas quais pode se enquadrar o fenômeno da violência. Seja urbana, física, psicológica, doméstica, política, social, até mesmo verbal. O fato é que a violência está crescendo cada vez mais, em vários segmentos da sociedade, a todo o momento. E há uma predominância cada vez maior desta manifestação entre os jovens.

Isso pode estar associado à observação de características muito comuns presentes neste público, tais como (Arregi Goenaga, 1998):

A busca de identidade, procurando diferenças contrárias à geração antecedente. O questionar das ideias nas quais a sociedade se fundamenta na ausência das normas; Os jovens possuem uma série de capacidades e de ideais para criar e canalizar ideias inovadoras que fazem mudar a ordem da realidade já existente.(p.56).

O contato do jovem com este fenômeno pode apresentar vários aspectos. O histórico da violência está presente em todas as gerações, porém a conduta do violento está se manifestando cada vez mais cedo, e no local de maior concentração dos jovens, ou seja, na escola. O local que deveria restringir-se ao processo de aprendizado e de socialização, se transforma no espaço de manifestações violentas, ocorrendo todo um ciclo de prejuízos, educacionais, familiares e morais. E é exatamente este aspecto que passamos a abordar na próxima seção.

3.3 Violência escolar.

Como todo o processo de violência mundial ocorre desde o início da civilização do homem, a violência escolar não poderia ser diferente. Obviamente, que a abordagem da situação escolar não é foco desde a Grécia antiga, mas é mais antigo do que se pensa. Além de que a instituição escolar tal como a conhecemos está vinculada à produção capitalista e à Revolução Industrial.

Nos Estados Unidos, esse tema já é pesquisado desde 1950. O que acontecia até então eram pesquisas de fatos considerados como controláveis. Porém com o passar do tempo, a violência escolar foi ganhando aspectos mais graves e transformando-se em um questão social.

A temática relacionada à violência escolar é um assunto complexo que se estende mundialmente. Vários relatos anunciam, sem modéstia, uma dramaticidade e um sensacionalismo, na abrangência da questão.

De acordo com Peralva (1996), a situação de tamanha violência já chegou a casos extremos que mulheres já não ousam dar aulas com a porta fechada. Além de conselheiro de orientação espancado, carros deteriorados por trás de portões de estacionamento fechado a cadeados, pessoas estranhas no território escolar, até mesmo ex-alunos que queriam acertar contas com algum aluno.

Tamanha preocupação com a violência escolar, levou à criação, na França, em 1996, do "S.O.S Professor" que torna possível o acesso a um número de telefone permanente à disposição de professores de uma maneira que possam se manifestar contra agressões, e também situações de atividades violentas observadas no cotidiano escolar.

Já nos Estados Unidos, conforme publicação do Jornal Folha de São Paulo em 1994, pelo menos 270 mil estudantes estavam tendo acesso ao território escolar armados. Com isso quase 70% das escolas americanas já estavam revistando seus alunos na entrada, com o auxílio de detectores de metais.

De acordo com Sposito (2001), em 1997, em cidades como New York, observou-se a iniciativa de criação de novos estabelecimentos de ensino em parceria com instituições da sociedade civil, prontos a receber os alunos que apresentavam condutas violentas no interior das escolas.

Não muito longe, mas em nossos países vizinhos, também é retratada a queima de documentos escolares, depredações, roubo, incêndio em escolas de Buenos Aires, provavelmente cometidos, segundo os jornais, por menores de idade. (Clarín 16\07\1993).

De acordo com Charlot (2002), há casos que ultrapassam os limites da tolerância, como homicídios, estupros, agressões com armas, entre outros. Para a pesquisadora ainda são fatos não rotineiros, mas que dão a impressão que não há mais limite algum, ou seja, daqui em diante tudo pode acontecer na escola.

No Brasil os primeiros estudos sobre a violência, sendo mais específico, sobre a violência escolar, datam a partir de 1970, quando pedagogos e pesquisadores buscavam as primeiras explicações para a taxa de crescimento de violência e crime no interior das escolas. Mas só em 1990 é que o foco de pesquisa se volta às agressões nos relacionamentos, ou seja, no convívio entre alunos.

Desde então, vários estudos no Brasil têm buscado um mapeamento desse fenômeno, bem como, suas causas e efeitos.

Ainda não há estatísticas concretas sobre o números de jovens autores e alvos da violência no país, porém, o Instituto Nacional de Estatística (INE) apresenta uma pesquisa onde são verificadas as problemáticas em crianças e jovens, assim como as medidas tutelares aplicados em processos concluídos até 2001.

O INE aponta em 1998 um total de 2979 crianças e jovens em risco. Já no ano de 2000 esse número chega a 9.504 jovens e crianças. Não se tem pesquisas mais recentes disponíveis sobre o assunto.

Alguns pesquisadores revelam que não há alguma norma específica para se estabelecer o que é violência e o que deixa de ser. De acordo com Charlot (2002), é o próprio aluno e não o pesquisador que deve responder o que é considerado ou não violência.

C. Carra e F. Sicot realizaram em 1994-95 uma enquete de vitimação junto a 2855 colegiais de uma região, que não é especialmente atingida pelo fenômeno da violência escolar. Uma taxa de 70% dos alunos se declararam vítimas de pelo menos um ato de violência. Sendo:

- 47,8% vítimas de falta de respeito; (de outros alunos ou professores).
- 27,7% pertences pessoais danificados;
- 23,7% de furtos;
- 15,8% de chantagem;
- 15,65% de golpes;
- 9,7% de racismo;

- 4,35% de extorsão;
- 2,8% de agressão ou de assédio sexual;

Fica claro que a questão da violência na escola não deve ser associada somente em relação aos alunos, mas sim em um englobamento social, institucional, relacional e pedagógico.

Para Colombier (1989), a violência que os jovens exercem, é antes de mais nada, a que seu meio exerce sobre ele. Sendo assim, este jovem irá refletir na escola todos os seus conflitos presentes no cotidiano. Com isso, podemos destacar três tipos de violências realizados no interior da escola.

A primeira é a violência contra o patrimônio, que é visível em algumas escolas, é a violência praticada contra a estrutura física da escola. Segundo Colombier (1989), é contra a própria construção que se voltam os pré-adolescentes e os adolescentes, obrigados que são a passar neste local oito ou nove horas por dia. No Brasil, apenas quatro.

A segunda refere-se a violência doméstica, a violência que ocorre no espaço íntimo do aluno, ou seja, em sua moradia, por pessoas próximas ao convívio do aluno, ou até mesmo por familiares.

A terceira é a violência simbólica. De acordo com Bourdieu, é através do uso da violência simbólica que desvendam os mecanismos com que fazem os indivíduos "naturalizar" as representações ou as idéias sociais dominantes. Sendo assim, a violência simbólica é desenvolvida através das instituições e dos agentes que as animam e apóiam o exercício da autoridade. Ele considera que a transmissão pela escola da cultura escolar como: conteúdos, programas, métodos de trabalho e de avaliação, relações pedagógicas, própria da classe dominante, revela uma violência simbólica exercida sobre os alunos de classes populares. O que deve ser lembrado é que nos últimos tempos, as orientações curriculares buscam a superação deste modelo. A escola é que tem se mantido refratária às necessárias mudanças.

Com isso a noção de violência simbólica, é a violência exercida pela própria escola sobre o aluno, quando a mesma inibe a sua capacidade de pensar e o torna capaz somente de reproduzir os estudos passados. De acordo com Abramovay (2002):

A violência simbólica é a mais difícil de ser percebida ... porque é exercida pela sociedade quando esta não é capaz de encaminhar seus jovens ao mercado de trabalho, quando não lhes oferece oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e de atividades de lazer; quando as escolas impõem conteúdos destituídos de interesse e de significado para a vida dos alunos; ou quando os professores se recusam a proporcionar explicações suficientes, abandonando os

estudantes à sua própria sorte , desvalorizando-os com palavras e atitudes de desmerecimento". (p.335)

A violência simbólica também pode ser direcionada contra o professor, quando o mesmo é agredido pelo aluno através do desinteresse ou através da indiferença do trabalho prestado, diferentemente da violência física, como, bater, brigar, matar, suicidar, estuprar, assaltar, espancar, tiroteio, pancadaria, andar armado e participar das atividades de guangues. Abramovay (1999).

Podem ser inúmeros os fatos que levam crianças e adolescentes a um ato violento, como já apresentamos ao longo deste trabalho. Outro aspecto, e o mais encontrado nas pesquisas em relação a violência ocorre por uma associação com a classe social. Muitos acreditam que a desigualdade social seja uns dos fatores que levam os jovens a cometer atos violentos. Para Abramovay (1999):

[...]estar numa posição secundária na sociedade e de possuir menos possibilidades de trabalho, estudo e consumo, porque além de serem pobres se sentem maltratados, vistos como diferentes e inferiores. Por essa razão, as percepções que têm sobre os jovens endinheirados são muito violentas e repletas de ódio[...]

Não desconsideramos este aspecto, porém como já apresentado anteriormente e evidenciado pela pesquisa empírica realizada, esta associação parece não ocorrer de forma causal e determinante, conforme será visto posteriormente.

Abramovay (1999), aponta outros aspectos que precisam ser considerados nesta análise, que são os grupos de referências de valores, formas de comportamentos, crenças. Podem ser considerados também com formas de motivação para que os jovens cometam crimes. Esta posição da autora fica evidenciada porque:

O motivo pelo qual os jovens aderem às gangues é a busca de respostas para suas necessidades humanas básicas, como o sentimento de pertencimento, uma maior identidade, auto-estima e proteção, e a gangue parece ser uma solução para os seus problemas a curto prazo.(p. 18)

Neste sentido a gangue forma uma família na qual é inferido ao infrator o sentimento de acolhimento, proteção e de *status*, pois se sente o dono do poder. Em relação aos valores existentes, ou que deveriam existir na convivência social, e principalmente familiar, Monteiro (2003) afirma que:

Valores como solidariedade, humildade, companheirismo, respeito, tolerância são pouco estimulados nas práticas de convivência social, quer seja na família, na escola, no trabalho ou em locais de lazer. A inexistência dessas práticas dão lugar

ao individualismo, à lei do mais forte, à necessidade de se levar vantagem em tudo, e daí a brutalidade e a intolerância.(p. 19)

O fracasso familiar e da escola, estão envolvidos por grupos que auxiliam na inserção da prática da violência. Sendo assim, os pais educam seus filhos e os mesmos crescem achando que podem tudo.

A grande oportunização do uso de entorpecentes, uso de bebidas alcoólicas, o porte e o uso de arma sem controle da família ou influenciado pela família, polícia e comunidade, estimulam a tornar ou fazer o indivíduo violento.

Outro aspecto importante a ser considerado em se tratando de violência escolar segundo Abramovay (2002), é o fato de haver uma perda de vínculo entre a unidade escolar e a comunidade fazendo com que incorpore à violência cotidiana no espaço urbano.

Em outras palavras, a escola era vista como um porto seguro para todos os estudantes, agora não mais. Com isso, está ocorrendo um processo de desequilíbrio educacional, porque o aluno que é vítima da violência não se sente bem em nenhum lugar, pois, a violência cometida na escola pode continuar em outras instâncias. Além do mais, há que se pensar ainda que a escola “é” a sociedade. Não há como separá-la, ela repete os conflitos externos. O aluno violento está no espaço escolar com o intuito de expressar seu sentimento de raiva. A escola sofre e ao mesmo tempo tenta reprimir o aluno.

4 - RESULTADOS DA PESQUISA

O contato com a realidade educacional foi oportunizado pela pesquisa empírica, na busca de dados que pudessem contribuir para compreender os fatores determinantes, a partir do ponto de vista sociológico, que levam ao fenômeno da violência no espaço escolar e social. Procuramos também identificar tipologias de alunos no espaço escolar; como a escola lida com a violência; como a família está presente na criação dos filhos; e se a violência que ocorre no espaço geográfico das escolas é gerada em relação a uma desigualdade social.

A investigação empírica revelou aspectos curiosos em várias áreas. Pouco mais de um terço, ou seja, 36% dos alunos apontaram que o que mais os desagrada na escola são os próprios alunos, como fica evidenciado na tabela 1.

Tabela 1 – Indicativo dos alunos do pior aspecto no interior da escola.

Aspectos analisados	%
O espaço físico (sala de aula, corredores, cantina, laboratório de informática, entre outros)	31
a secretaria, da direção	11
a maioria dos alunos	36
as aulas	11
a maioria dos professores	0
outras respostas	11
TOTAL	100%

Fonte: Resultados da pesquisa (2010)

O fato dos alunos responderem que não gostam da maioria dos seus colegas leva-nos a imaginar que a noção de escola como um local prazeroso de convívio entre jovens é substituída por um local onde ocorre uma generalização da noção de desconforto e desconfiança e que deixa, por consequência, frágil os laços de afetividade entre os próprios membros de classe.

Este fato oportuniza a formação de pequenos grupos, “panelinhas” em sala de aula, se fixando somente entre si. Podendo formar gangs entre outros tipos de grupos que podem levar a considerar ou formar algum tipo de violência. Além de que esse tipo de união entre alunos pode gerar a desvinculação em relação a outras formas de relações. Esta tipologia de relação entre os alunos de certa forma pode influenciar na decisão de sua permanência na escola, uma vez constituir-se no lugar para desfrutar do convívio social.

O que pode ser constatado é que sempre são alguns membros do corpo pedagógico a reclamarem que o maior problema da escola, em relação aos alunos, é a falta de disciplina, a falta de respeito, de responsabilidade, da educação que deveria ser recebida em casa.

Esta afirmação, de certa maneira, destoa do fato do aluno não considerar, em nenhum dos questionários aplicados, como sendo o professor o pior aspecto da escola, não tendo sido citado por nenhum aluno. Sendo assim, para estes o relacionamento professor-aluno ocorre de forma satisfatória.

Ao longo de toda experiência no ato de lecionar foi possível perceber que os professores reclamam da indisciplina dos alunos, isso pode significar que algum tipo de violência está ocorrendo nesse tipo de relacionamento, professor-aluno, porém, os alunos estão manifestando atitudes comportamentais que podem até ser considerados como sendo de violência verbal. Ou seja, a sociedade acostumada com a violência.

Tabela 2 - A satisfação no exercício da profissão docente pelos diretores escolares.

Aspectos analisados	%
Sim, gosto da minha profissão.	25
Sim, gosto da minha profissão, mas está ficando a cada dia mais estressante.	75
Não, exerço a profissão por falta de opção.	0
Já trabalhei satisfeito, mas desanimei com muitos acontecimentos.	0
Total	100

Fonte: Resultados da pesquisa (2010)

A satisfação com a atividade docente ainda é bastante expressiva, a medida em que três quartos dos diretores escolares relatam satisfação no exercício de sua profissão, 75% gostam da profissão, porém estão ficando estressados com a rotina pedagógica.

Percebemos que na escola pode estar ocorrendo a manifestação e uma influência direta de uma forma tipologia de violência oriunda de outros contextos, como: a política, a família, a economia, a mídia, entre outros. Sendo assim, pode estar ocasionando aos professores tornaram-se reféns, gerando um desconforto devido aos efeitos de uma violência no cotidiano pedagógico.

Segundo Aquino (1996), quase sempre os professores acabam padecendo de uma espécie de sentimento de “mãos atadas” quando confrontados com situações atípicas do vandalismo. Com isso, os efeitos da violência representam a parcela mais onerosa de tais desconfortos.

Em relação ao recurso de armas em brigas e conflitos, nos tempos da violência da sociedade está cada vez mais complexa. Muitas pessoas justificam que o porte de arma é uma necessidade para impor respeito, proteger e defender-se. O questionável é que uma arma aumenta o perigo de confrontos e homicídios.

Tabela 3 - Contato com algum armamento pelos alunos.

Aspectos analisados	%
Seus pais, parentes têm armas em casa	42
Você tem fácil acesso a armas na escola ou mediações.	3
Você sabe onde / quem vende armas.	56
Você já teve ou tem arma de fogo.	0
TOTAL	100

Fonte: Resultados da pesquisa (2010)

Um dado importante revelado pela pesquisa é o fato de que 42% dos alunos entrevistados afirmaram haver algum tipo de armamento em suas residências, ou em residências de parentes, tal como demonstrado na Tabela 3. Outro dado relevante da pesquisa é que 56% dos alunos sabem onde existe ou quem vende armas. Há, portanto, por parte dos alunos, uma significativa familiaridade com a compra ou uso de arma.

Para Abramovay (2002) a presença de qualquer tipo de armamento, simboliza não somente violências efetivas explícitas, mas também cenários que banalizam violências, já que as armas, mesmo quando não acionadas, tornam-se constituintes próprio do cenário escolar. Para ela testemunhar o porte de arma, significa fazer parte de um de um campo que pode viver uma batalha a qualquer momento.

Uma das conseqüências desta proximidade com os armamentos é a associação com o ato do roubo, enquanto extensão da violência, já relativamente um fato corriqueiro nas escolas, como demonstra na Tabela 4.

Tabela 4 – Identificação do ato de roubo na escola pelos alunos.

Aspectos analisados	%
Já roubaram algum pertence meu.	31
Já roubaram algum pertence de alguém próximo de mim.	36
nunca roubaram nenhum pertence meu	33
TOTAL	100

Fonte: Resultados da pesquisa (2010)

Apenas um terço dos alunos entrevistados se manifestou como não vítimas desta ação no espaço escolar até o momento. Esse aspecto leva a ser considerado que em relação a violência e tudo que compreende este ato não deve ser generalizado. Presenciamos aumento da violência, o que exige uma maior atenção. Porém dizer que tudo dentro da escola esta envolta em violência é um erro. Na Tabela 5, destinada aos diretores ainda neste tema temos:

Tabela 5 - Ocorrência de roubos ou furtos nas imediações da escola pelos diretores das unidades escolares.

Aspectos analisados	%
Já roubaram / furtaram algum pertence meu.	25
Não roubaram / furtaram nenhum pertence da escola, mas sim de professor.	25
Já roubaram / furtaram algum pertence da escola e do professor.	50
Não ocorreu nenhum roubo / furto na escola.	0
Total	100

Fonte: Resultados da pesquisa (2010)

É possível verificar que tanto os profissionais docentes quanto aos discentes já foram vítimas de roubos dentro ou nas imediações da escola. Com isso, podemos considerar que os pequenos furtos praticados, podem ser por pessoas de dentro da escola. Em grandes escalas, roubos que não são realizados através de assaltos, são roubos planejados. O roubo planejado exige um conhecimento de dados que leva a conhecer a pessoa que será roubada, bem como, o pertence roubado.

Há, inúmeras vezes, um processo de naturalização da violência a partir do momento em que alunos e mesmo o corpo pedagógico diminuem a gravidade, e até desconsideram alguns casos como uma questão problemática. Cria-se a percepção de que uma caneta, um lápis, borracha, entre outros, por serem objetos de baixo custo não é relevante, gerando uma banalização da violência.

O mesmo ocorre quando do uso da violência contra o patrimônio. Não presentes nos questionários, mas visíveis em quase todas as escolas pesquisadas, materializados nos atos de pichação, depredações de carteiras, de janelas, de ventiladores, entre outros. Apresentam-se como formas de vandalismos mais comuns.

De acordo com Abramovay (2002) é possível desvendar as mensagens escondidas nos atos de violência contra o patrimônio das escolas, podendo haver vários significados, como: necessidade de chamar a atenção, de exibir-se para os outros colegas, expressar revolta ou até mesmo a noção jovial de deixar sua marca no mundo.

Algumas destas características podem ser percebidas na investigação empírica realizada como, externalizado na Tabela 6.

Tabela 6 – Identificação de algum tipo de postura violenta pelos alunos.

Aspectos analisados	%
Sim, porque tinha mais popularidade que eu.	2
Sim, porque fez alguma coisa que não gostei.	23
Sim, porque sabia que iria me agredir, então o agredi primeiro.	23
Sim, só porque não tinha nada para fazer, então quis mexer com alguém.	2
Outras	50
TOTAL	100

Fonte: Resultados da pesquisa (2010)

Do total dos alunos investigados 23% deles afirmaram já terem sido violentos com algum outro aluno dentro de sala porque teria feito alguma coisa da qual ele não tenha gostado. Outros 23% igualmente responderam afirmativamente alegando ter sido um ato de defesa, ou seja, por saber que iria ser agredido, então em forma de proteção agrediu primeiro.

O que deve ser levado em consideração também neste trabalho é que na maioria de vezes, o problema não pode estar centrado somente na educação, sendo necessário um enfoque de maior abrangência.

Para Abramovay 2002 a violência de muitos alunos pode decorrer da escola ser apresentada como uma imposição da família e do Estado. Certos alunos revoltam-se, pois visualizam a escola como uma obrigação. Com isso, vão contra as obrigações estabelecidas e a autoridade, ou até mesmo como forma de “auto-proteção” como em nossa pesquisa.

A escola usualmente apresenta os alunos menos capacitados intelectualmente enquanto estigmatizados, ou seja, esquecidos. Neste sentido, tal como apontado por Bourdieu 1998, à escola avalia muito além de uma simples verificação de aprendizagem, incluindo um verdadeiro julgamento cultural e até mesmo moral dos alunos.

A escola cobra do aluno um estilo elegante de falar, de escrever e até mesmo de se comportar. Que saibam cumprir adequadamente as regras da boa educação. Ao fazerem e

esperarem um tipo de aluno, a escola cria focos de revolta por parte daqueles que legitimamente se sentem marginalizados.

Com isso ocorre uma violência simbólica com o aluno, violência essa discutida anteriormente. Além disso, o aluno ofuscado por não estar dentro do que espera a escola, pode abordar os atos violentos como uma forma de chamar atenção em seu meio, já que na sociedade contemporânea a busca pelo poder, o crescimento da rivalidade entre o próximo se torna cada vez mais comum. Com isso o aluno de alguma forma irá se destacar.

Tabela 7 – Atitude das unidades escolares diante dos alunos que cometerem atos violentos.

Aspectos analisados	%
Expulso o aluno, pois não permito violência na escola.	0
Procuro investigar o porque deste aluno estar agindo de forma violenta.	100
Procuro às autoridades, poi não tenho nada a ver com isso, sim a justiça.	0
Excluo esse aluno de minha supervisão, pois já tenho muitos problemas na escola.	0
Total	100

Fonte: Resultados da pesquisa (2010)

Quanto ao aspecto do encaminhamento realizado pela direção escolar dos atos violentos cometido pelos alunos, há uma unanimidade. Os diretores de todas as escolas responderam que procuram investigar a razão pela qual os alunos externalizam sua ação violenta. Como já enfatizado ao longo do trabalho, vários motivos podem ser compreendidos e explicativos aos atos violentos cometidos pelos alunos. É relevante o fato das oito escolas entrevistadas optarem por este tipo de metodologia com os alunos.

Isso suscita uma breve abordagem da relação escola-aluno e escola-família, na medida em que na atualidade a família aborda temas que jamais eram discutidos no passado. O relatório para UNESCO (2006) apresenta que:

...a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afectivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas.

O estilo de vida contemporâneo necessariamente remete a uma forma de organização familiar distinta da tradicionalmente consagrada. Esta, cada vez mais desloca suas obrigações familiares na criação do filho para a escola, o que no entanto não a exime da presença da violência, como pode ser percebido pela Tabela 8.

Tabela 8 – Presença de violência na família.

Aspectos analisados	%
Meus pais já se agrediram. (fisicamente ou verbalmente)	11
Meus pais já me agrediram. (fisicamente ou verbalmente).	14
Não quero manifestar sobre este assunto.	75
TOTAL	100

Fonte: Resultados da pesquisa (2010).

Um dado é o fato de que cerca de 11% dos alunos informaram que os pais já se agrediram fisicamente ou verbalmente e outros 14% já foram agredidos de alguma forma violenta pelos pais. Com o intuito de deixar os alunos entrevistados se ausentarem de se expor, demos como opção de resposta, “Não quero manifestar sobre este assunto”. Tivemos 75% que ou não foram agredidos de nenhuma forma pela família ou com medo de que alguns dados da pesquisa vazassem fazendo ou podendo criar uma certa tensão familiar. Mais uma vez a violência simbólica pode estar presente.

É em grande parte, na família, que as crianças e jovens adquirem os modelos de conduta que apresentam. Sendo assim, a pobreza, violência, alcoolismo, ausência de valores, objeção do papel educativo dos pais, entre outros podem ser as principais causas que rompem o ambiente familiar.

Finalmente a classe social. Ao longo de nosso trabalho estamos apresentando aspectos que nos permitam compreender o que leva aos atos de violência escolar. A classe social foi apresentada em muitas pesquisas como o fator principal, em outras até única, responsável pela violência. Bourdieu aborda este conceito, criticado por Nogueira (2002) devido a uma série de pesquisas acentuam a categoria de classe social como não suficiente para o critério de diferenciação dos grupos familiares segundo suas práticas escolares. Sendo assim, mesmo a

divisão em frações de classe, utilizada largamente pelo próprio Bourdieu, seria demais abrangente para captar certas diferenças entre famílias.

Com o intuito de verificar esses dados em relação a violência vinculado à classe social, delimitamos nossa pesquisa entre escolas públicas estaduais, públicas municipais, e ensino privado. Em áreas periféricas e centrais. Com isso não percebemos nenhuma diferença significativa de atos violentos entre as escolas entrevistadas.

CONCLUSÕES

É necessário dizer que este trabalho é insuficiente na abordagem deste tema, por se tratar de um assunto complexo e amplo, muitos aspectos haveriam de ser abordados. Além do mais, a violência surge em variados contextos. Percebemos que é necessário ser cogitada a idéia de que a sociedade deve ficar atenta aos cidadãos que estão chegando às escolas.

A sociedade está sofrendo significativas transformações ao longo do percurso histórico. A violência é hoje vista como normal na sociedade contemporânea, talvez por ser uma questão presente na história ou por uma questão de individualização da sociedade. O reflexo da violência se depara dentro do espaço escolar, considerando que é na escola onde várias ambiguidades e conflitos de interesses convivem cotidianamente, com isso desconfigura todo um processo educacional. O aluno têm a escola como um espaço de frequência obrigatória, de disputa de poder aquisitivo, entre outros.

Contudo, muitos defendem a idéia de que a violência resulta dos processos de um desequilíbrio social. Em nosso trabalho apresentamos discussões que evidenciam que a desigualdade é mais um aspecto influenciador desta questão, mas não único.

A complexidade do fenômeno da violência está envolvida em um processo histórico, associado a processo de desigualdade social, aos grupos de convívios, a disputas de poder, questões familiares, entre outros.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; et alli – *Guagues galeras, chegados e rappers*. RJ, Ed. Garamond, 1999.
- ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças – *Violência nas escolas*. Ed. Unesco, doações institucionais.
- AQUINO, Júlio Gropa. *Confrontos na sala de aula: Uma leitura institucional da relação professor-aluno*. São Paulo. Summus. 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. P.74-90. 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CALDEIRA, Teresa. *Violência e democracia: o caso brasileiro e os limites de explicações políticas e culturais*. (s/data).
- CHARLOT, Bernard. *A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*. Porto Alegre, 2002.
- DEMO, Pedro. *Sociologia – Uma Introdução Crítica*. Editora Atlas, 1987.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Olanda. *Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 6 ed. Rev. Curitiba, 2006.
- GERAQUE, Eduardo. *Entrevista feita ao Sergio Adorno, Coordenador do centro e estudos da violência da USP*. Acessado em: 14/04/2010. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/924/entrevistas/sociologia-da-violencia.htm>
- GUIMARÃES, Aurea. *A depredação escolar e a dinâmica da violência*. Campinas, 1990.
- IANNI, Octavio. *A sociedade global*. Editora Civilização brasileira, 1999.

MARTINS, José de Souza. *A sociedade vista do abismo*. Editora Vozes, 2002.

NOGUEIRA, Cláudio Marques; NOGUEIRA, Maria Alice. *A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições*. 2002.

PERALVA, Angelina. *A generalização da violência como modo de regulação das interações humanas na região metropolitana do Rio de Janeiro: a violência juvenil*. São Paulo. 1995

SPOSITO, Marília Pontes. *A instituição escolar e a violência*. Acessado em: 15/05/2010.

Disponível em: www.ica.usp.br/observatorios/educacao

UNESCO. *Cotidiano das escolas: entre violências* / Coordenado por Miriam Abramovay. Brasília, UNESCO, Observatorio de Violência, Ministério da Educação. 2006.



